



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



# REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 6 – Nº 13 - Janeiro - Julho 2011

Semestral

*Artigo:*

## **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL E SEUS RESQUÍCIOS HISTÓRICOS**

*Autor:*

**Arnaldo Elói Benvegnú Júnior\***

---

\* Graduado em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo – RS; Especialista em Metodologia do Ensino de Educação Física pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – RS; Mestrando em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – SC; Professor de Educação Física do Centro Municipal de Educação Básica Vereador Avelino Biscaro; Rua João XIII, 27, Bairro Escolar, 89595-000, Salto Veloso – SC; juniorbenvegnu@bol.com.br

## **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL E SEUS RESQUÍCIOS HISTÓRICOS<sup>†</sup>**

**Resumo:** o objetivo do presente trabalho foi o de resgatar os principais momentos históricos vividos pela educação física no Brasil, em relação a seus aspectos sociais, políticos e pedagógicos. São eles: o movimento higienista, marcado pelo culto aos hábitos de saúde e a valorização do desenvolvimento do corpo físico e da moral; o militarismo, caracterizado pela obtenção de uma sociedade sã, em busca de um homem forte e perfeito, preparado para a luta e a guerra; e por fim o movimento chamado de esportivização, que marcou a escola ao se introduzir de maneira autoritária o esporte de rendimento, - traçando um paralelo com seu momento contemporâneo, com o intuito de provocar nos educadores um repensar quanto às abordagens e práticas pedagógicas usadas nas instituições escolares. Fez-se o uso da pesquisa bibliográfica para a revisão do assunto em questão, elaborado a partir de livros e artigos científicos. Concluimos a pesquisa comprovando que resquícios históricos ainda fazem parte do cotidiano da Educação Física escolar e de muitos de seus profissionais. Infelizmente de um passado autoritário e disciplinador. O que se verificou nas fontes analisadas foi que inúmeras práticas pedagógicas ainda supervalorizam os bons alunos em detrimento dos menos capacitados, onde professores buscam alcançar seus objetivos através da disciplina e, principalmente a notória ênfase dada nas aulas às práticas esportivas. Além disso, percebeu-se a ocorrência de várias mudanças nas propostas da Educação Física, porém suas tendências ainda continuam sendo as mesmas que a originaram.

**Palavras-chave:** Educação Física; história; práticas pedagógicas.

## **PHYSICAL EDUCATION IN BRAZIL AND ITS HISTORICAL REMAINDERS**

**Abstract:** The aim of this study was to rescue the major historical moments experienced by the physical education in Brazil, in relation to their social, political and pedagogical. Are them: the hygienist movement, marked by the cult of health habits and appreciation of the development of physical body and the moral militarism, characterized by obtaining a healthy society, in search of a perfect and strong man, prepared to fight and war, and finally the movement called sportivization, which marked the school by the introduction of authoritarian way the sport of income - drawing a parallel with his contemporary moment, with the intention of provoking a rethink in the teachers regarding teaching approaches and practices used in the institutions school. There was the use of literature for review on the subject, drawn from books and scientific papers. Were completing the survey showing that historical remains are still part of daily school physical education and many of its practitioners. Unfortunately a disciplinarian and authoritarian past. What happened was that the sources analyzed many pedagogical practices still overestimate the good students at the expense of the less able, where teachers seek to achieve their goals through discipline and especially the notorious emphasis in class to sports practice. Furthermore, we noticed the occurrence of several proposed changes in physical education, but their trends still remain the same from which it originated.

**Key words:** physical education, history, pedagogical practices.

---

<sup>†</sup> Trabalho apresentado em comunicação oral no **5º Congresso de Educação Física de Jundiaí**, realizado de 12 a 15 de novembro de 2010 na cidade de Jundiaí/SP. Anais vol. 5., 2010: ISSN 1982-8276.

## **1 INTRODUÇÃO**

Considerações a respeito da história humana jamais devem ser desconsideradas quando se tem por objetivos estudar determinado assunto. Práticas e ações historicamente construídas – sejam em comunidades locais, regiões, estados ou país – acabam influenciando e sendo influenciadas pelo contexto social, político e cultural de acordo com determinado período histórico.

Muitas vezes não temos entendimento dos motivos pelo qual determinada situação aconteceu e porque aconteceu pelo fato de não conhecermos o passado e o caminho percorrido até se chegar ao momento contemporâneo a que chegou. Como exemplo pode-se citar alunos que sofrem com o excesso de indisciplina na escola. Em muitos casos, são facilmente entendidos ao se tomar conhecimento de seu histórico familiar, de suas experiências vivenciadas na família, em sua comunidade e mesmo na escola.

Assim, o objetivo desse estudo foi o de revisar bibliograficamente os períodos históricos mais marcantes da educação física no Brasil, a fim de entendermos melhor suas origens e suas tendências construídas e desconstruídas ao longo do tempo.

No capítulo 1 abordaremos a introdução da educação física em nosso país, passando pelo período denominado de higienismo, que acabou dando grande ênfase às atividades ginásticas. Seguimos falando sobre a educação física no regime militar, caracterizada pelo destaque a obediência, a prática pela prática. Posteriormente o surgimento da abordagem escolanovista, e mais adiante a pedagogização e a esportivização, essa última marcada pela ideia de uma educação física que seria capaz de transformar o Brasil em uma potência olímpica. E por fim, sua crise que foi desencadeada em meados de 80, marcada por seu conservadorismo e pelo surgimento de movimentos renovadores.

Se analisarmos algumas práticas pedagógicas realizadas pelos profissionais de educação física no contexto atual, veremos que muitos paradigmas permanecem intactos se comparados a períodos passados. Ou seja, verificou-se nesse estudo o surgimento de novas tendências e abordagens para a educação física, principalmente a escolar, mas que ainda precisam ser incorporadas pelos professores.

## **1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL E SUA ORIGEM HIGIENISTA**

Ao fazermos uma análise sobre a história da Educação Física, constatamos as inúmeras transformações sofridas, desde a sua origem até o atual momento, tanto em relação aos conteúdos desenvolvidos nos diferentes níveis de ensino, como também as respectivas tendências pedagógicas que nortearam e ainda norteiam o processo educativo.

Segundo Darido,

Os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo deste último século, e todas estas tendências, de algum modo, ainda hoje influenciam a formação do profissional e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física (2003, p. 1).

No Brasil, a Educação Física confunde-se em muitos momentos de sua história com as instituições médicas e militares. Durante um longo período, essas instituições acabaram por definir seu caminho, delimitando assim o campo de conhecimento da Educação Física.

No Brasil, a Educação Física foi oficialmente incluída na escola no ano de 1851, através da reforma Couto Ferraz<sup>1</sup>, que tinha como objetivo uma série de medidas para melhorar o ensino. Três anos após a reforma, no ano de 1854, a ginástica torna-se disciplina obrigatória no primário e a dança no secundário.

É a partir desse período que a Educação Física começa a assumir seu caráter higienista. Fazendo-se uso da ginástica, o Estado passou a desenvolver ações pedagógicas na sociedade, com ela julgavam poder responder à necessidade de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante e a raça branca, atribuindo-lhe superioridade.

O pensamento higienista, dominando a Educação Física, é marcado pelos hábitos de higiene e da saúde, objetivando, por meio do exercício físico, valorizar o desenvolvimento do físico e da moral (PEREIRA, 2006).

O Estado, que valorizada suas ações políticas sob a lógica das ações médicas em sua vertente higienista, vai influenciar e condicionar de modo decisivo a Educação Física, a educação escolar em geral e toda a sociedade. Segundo Soares,

Quanto à Educação Física, particularmente a escolar, privilegia em suas propostas pedagógicas aquela de base anatomofisiológica retirada do interior do pensamento médico higienista. Consideram-na um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária, que se instaura no Brasil a partir da segunda metade do século XIX (1994, p. 71).

Com o passar do tempo, o Brasil começa a tornar-se um país mais urbano, complexo e mais valorizado. A partir daí surge à necessidade da escola e, junto a ela, uma educação em que disciplina, tempo e ordem eram elementos fundamentais para o desenvolvimento das elites. Assim, a Educação Física, como componente da educação (então ministrada pelos colégios) ganha espaço, uma vez que o físico disciplinado era exigência da nova ordem em formação.

Segundo Silva Pontes apud Soares (1994), a Educação Física dessa época possuía um caráter instrumental, no qual o exercício físico aparece como um antídoto para todos os males, além de ser potencialmente capaz de prevenir e curar doenças, de construir um corpo robusto e saudável, adestrando-o para os trabalhos manuais (físicos). É importante frisar que nesse mesmo período o Brasil vai ingressando lentamente no modo capitalista de produção e é por esse motivo que se buscava a adequação do povo operário a essa nova ordem.

Com o aumento das cidades e a crescente urbanização, surgem os primeiros problemas relativos à miséria e a prostituição, o que acaba por acarretar na população operária inúmeras doenças e epidemias. A pergunta que pairava no ar era como falar de urbanidade, asseio, saúde, progresso, desenvolvimento para uma população arrasadoramente analfabeta e doente?

Assim, a educação passa a ser vista como um instrumento de transformação da então sociedade caótica, por meio da idéia da saúde e de como ser saudável. Para isso seria necessário recorrer à higiene, acentuando sua importância na escola. Um dos porta-vozes dessa teoria foi Rui Barbosa, grande intelectual da época.

A Educação Física começa a adentrar nas instituições escolares e a dar os primeiros sinais de uma educação militar, surgindo como promotora da saúde, da higiene física e mental, além da educação moral. Higiene, raça e moral são consideradas as propostas pedagógicas legais que acabaram por contemplar a Educação Física.

Atualmente muitos contestam a tese de que o movimento higienista tenha terminado sua influência entre os anos de 1930 ou 1940, pois consideram ainda a prática de atividades físicas no século XX e início de XXI. Para ambos, o higienismo do século XIX e princípio do XX, no Brasil é o mesmo movimento da saúde dos dias atuais, havendo somente uma adaptação dos seus objetivos em decorrência das modificações que ocorreram na sociedade.

Posterior a esse movimento que originou a Educação Física no Brasil, surgiu o chamado militarismo, em que se passa a ter como objetivos na escola, a formação de indivíduos capazes de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra. O que acontece a partir daí foi

uma busca por indivíduos fisicamente “perfeitos”, onde os incapacitados eram excluídos da prática. Tudo sob a ótica de contribuir para a maximização da força e o poderio da população.

Segundo Castellani Filho (2004), é possível perceber qual era a idéia desse novo modelo de Educação Física, analisando o que dizia a constituição brasileira, promulgada em 10 de novembro de 1937, na qual sua finalidade era promover a disciplina e a moral e o adestramento físico de maneira a prepará-lo para o cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação.

A Educação Física escolar militarista tinha como função primordial responder às necessidades históricas do país, modificando-se ao longo do tempo e adequando-se às necessidades do povo brasileiro. Até então a disciplina era tida como essencialmente prática. Assim, para Silva apud Moura,

(...) a cultura é vista como sistema de significação que dita normas em relação ao corpo (...) e as atividades corporais (esportivas, recreativas, escolares e artísticas) não são tidas como neutras, elas expressam os interesses de uma determinada organização social (2007, p. 3).

Ainda sob essa visão, o professor de Educação Física deveria ter cuidado apenas com a forma e nunca com a função, o mais importante seria o mestre ter uma excelente hipertrofia muscular, deveria ser hábil no manejo de certos aparelhos e ter muita agilidade nos saltos acrobáticos.

A formação dos primeiros profissionais em Educação Física no Brasil deu-se nas escolas da Marinha e do Exército, daí seu caráter militar. Nessas instituições, o método alemão era oficialmente utilizado para a aprendizagem das atividades esportivas. Com o passar do tempo, esse método acabou sendo substituído pelo método francês.

Logo após as grandes guerras, já na década de 40, surge a Escola Nova, movimento que foi iniciado na Europa e nos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX. Sua origem se deu resultante de uma nova visão dos adultos em relação às crianças, que mereciam melhor atenção, pois até esse momento eram vistas como adultos em miniatura. Sob essa nova perspectiva de ensino, a escola deveria mudar consideravelmente sua postura. Isso quer dizer que ao invés de destruir ou excluir, passaria a prolongar a infância nas crianças, explorando caracteres próprios, suas potencialidades, despertando-a para a curiosidade e para a experimentação.

Um dos mais influentes dessa teoria na América foi o pedagogo e filósofo John Dewey, que fixou seu discurso na defesa por uma democracia baseada na participação e na vida comunitária, na defesa da quebra de barreiras de classe, raça e nacionalidade para uma boa convivência social. Segundo ele era difícil imaginar uma relação democrática e capitalista de maneira amistosa. Apesar de socialista, Dewey acreditava que através da democracia poderia se solucionar algumas carências apresentadas pelo capitalismo.

Além disso, a prática pedagógica segundo o pedagogo norte-americano deveria basear-se na liberdade do aluno para elaborar seus pensamentos, suas certezas, seus conhecimentos. Já o professor precisaria atentar-se para o desenvolvimento dos conteúdos, que deveriam ser trabalhados sob a forma de problemas a serem resolvidos, jamais dando respostas ou soluções prontas.

### 1.1 PEDAGOGIZAÇÃO, ESPORTIVIZAÇÃO E DITADURA MILITAR

A segunda metade do século XX aponta um momento marcante no campo da Educação Física, chamado naquele período de “esportivização”, caracterizado basicamente pelo enorme investimento do Estado ditatorial com o intuito de propagar o ideário do “Brasil Grande”, além de desestabilizar o movimento estudantil, ambos pela via educacional e esportiva.

Com esses ideais, ficou evidente que a Educação Física foi utilizada como uma forma de estratégia, de contenção e controle por parte do governo, a fim de combater eventuais discordâncias e protestos por parte da população. Além disso, a disciplina também ajudou no reforço com o compromisso ideológico do Estado.

Não podemos esquecer que a Educação Física ainda vivia sobre uma tutela militar. Prova disso pode ser notada no discurso de Beltrami

Por falta até mesmo de formação adequada, muito dos professores, chamados no passado de “instrutores”, aplicavam para as crianças, na escola, exercícios ginásticos praticados nos quartéis (2001, p. 27).

Além disso, as práticas de exercícios físicos eram atividades obrigatórias para a formação de milícias, ligadas às organizações militares, que tinham como objetivo a defesa nacional, referendada por interesses particulares e políticos. Fica bastante claro que na essência de um regime autoritário e ditatorial, a Educação Física foi pensada sob a forma de controle social.

Quanto à questão da esportivização, vivida intensamente entre as décadas de 60 até meados de 80, cabe fazer uma distinção entre o esporte e seu campo de inserção na escola, a Educação Física. Para uma definição mais precisa da disciplina em questão, usaremos Coletivo de autores apud Dantas Junior (2008), quando diz que “a Educação Física, como uma disciplina escolar que trata pedagogicamente os temas da cultura corporal<sup>2</sup>, quais sejam, jogos, ginástica, dança, lutas, capoeira, esportes.”

E é aí que o esporte, desde seu nascimento na Inglaterra na segunda metade do século XIX, vinculou-se a Educação Física através das *Public Schools* – escolas públicas inglesas – expandindo-se pelo mundo e adquirindo cada vez mais autonomia, mudando vagarosamente de um conteúdo de ensino (a ser escolarizado) a um conteúdo exclusivo da Educação Física na escola, esportivizando-a.

Um dos exemplos refere-se ao futebol, que já no início do século passado, com a implantação dos recém construídos grupos escolares, era trazido pelos alunos da rua para a escola, mesmo sendo naquele tempo uma prática proibida. Estamos tratando nesse capítulo a expansão da esportivização que ocorreu de forma mais intensa nas décadas de 60 e 80, mas fica claro que à sua incorporação a escola seguiu ritmos distintos, conforme características geográficas e institucionais do Brasil, concluindo que o esporte “escolarizou-se” desde sua chegada ao país.

E assim, na década de 20 e 30, grandes debates foram realizados em torno da construção de um projeto cultural para a escolarização do esporte no país. Através da Associação Brasileira de Educação (ABE), que referendou o esporte como um conteúdo necessário à modernização da escola brasileira, que implicaria em dois processos: o primeiro como uma forma de aceleração cultural, vendo o esporte como algo educativo, de caráter coletivo, social e o segundo refere-se ao afastamento cultural, quando o esporte praticado fora da escola era vicioso e deformado, requerendo medidas civilizadoras (DANTAS JUNIOR, 2008).

Assim, o termo esportivização constitui um processo no qual os passatempos, divertimento, brincadeiras e jogos passam a assumir uma prática institucionalizada denominada desporto. E esse fenômeno acabou por ocupar as aulas de Educação Física, quando o esporte passou de um conteúdo a ser escolarizado a um conteúdo exclusivo, sendo gerador de uma nova forma de organizar o conhecimento, os espaços, tempos e relações sociais dentro e fora da escola.



## 1.2 ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DO PLANO PEDAGÓGICO

Como vimos até então, com o crescente desenvolvimento do esporte no Brasil, a escola passa a ser um campo fértil para a incorporação do mesmo através de projetos educacionais.

A década de 50 ficou reconhecida como de apelo ao desenvolvimento econômico do país. Além disso, esse período também marcou a expansão do tecnicismo no âmbito escolar brasileiro. A ascensão da concepção tecnocrática de educação revela seu caráter puramente capitalista, com uma visão bastante funcional, empresa-educação. Segundo Castellani Filho,

É um enfoque cujo tratamento e prescrições encontram-se sempre na linha da economia da educação: não se cuida de Homens, mas de força de trabalho, não se trata da construção de Homens historicamente determinados, mas da elaboração de um fator de produção necessário (2004, p. 106).

Foi um período marcado pela idealização da teoria do capital humano<sup>3</sup>. Nesse sentido, a educação e a Educação Física, de modo específico, encontravam-se em pleno desenvolvimento. As práticas usadas durante as aulas de Educação Física serviria para a preparação da mão-de-obra, pois se sabia que bom investimento produziria lucros sociais e individuais. Além disso, seu uso se deu a partir de princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, que difundiu-se na pedagogia tecnicista.

Educação Física vem a tornar-se meramente uma prática esportiva, em função de fatores como a valorização do esporte e o desenvolvimento de uma educação tecnicista voltada para o mercado de trabalho.

Além disso, ficou marcada pela total ausência de criticidade e reflexão teórico-pedagógica no âmbito escolar, sendo configurada não como “matéria curricular” presente nos currículos escolares, mas sob a forma de atividade<sup>4</sup>. Diante dessa falta de reflexão, a escola servia como uma extensão, um prolongamento da instituição esportiva, assumindo juntamente com a Educação Física os códigos do esporte de rendimento, tendo-se assim o Esporte na escola e não o Esporte da escola.

A partir daí o que se viu nas instituições escolares foram os princípios esportivos regendo a pedagogia da Educação Física escolar, ou seja, passou-se a dar prioridade a aspectos como: rendimento, competição, comparação de resultados, regulamentação rígida, sucesso como sinônimo de vitória no esporte, racionalização de meios e técnicas. Foi um

momento em que a escola sucumbiu às discussões em relação a valores assentados no coletivismo, sendo incapaz de criar o esporte da escola. Clubes esportivos e escolas assumiram papéis similares nesse sentido, “adotando uma condição indiferenciada de professor/treinador e aluno/atleta (...)” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2005, p. 172)

É importante salientar que essa visão da Educação Física não se restringiu apenas no campo escolar, mas também nas instituições de ensino superior, de formação profissional. A partir da década de 60, os currículos desses níveis de ensino passaram a privilegiar de forma notável em sua carga horária as disciplinas/modalidades esportivas, enfatizando o esporte pela lógica do treinamento esportivo.

Ao analisarmos a legislação relativa à Educação Física escolar, percebemos que o Estado ditatorial pós 64 tinham como ideário o incentivo e a formação do homem ideal, que tinha como característica uma boa preparação para o trabalho, preferencialmente atleta, sendo a escola o espaço de formação da força esportiva nacional. Observando a legislação esportiva brasileira desse período, notamos que a inclusão do esporte antenava-se com a ideia de modernização social.

Sob essa perspectiva de pensamento, boa parte dos intelectuais da Educação Física concorda com o discurso de que a política de desenvolvimento do esporte teve como foco central, anestesiar as consciências dos indivíduos e tirá-los definitivamente da discussão política, sendo que muitos deles utilizaram a leitura do uso do esporte como meio para alienação da juventude brasileira. Um exemplo bem claro disso foi à reforma universitária de 1968, quando a Educação Física foi utilizada como um meio de se anular o movimento estudantil. A ideia era fazer com que o estudante, cansado devido ao enquadramento em uma prática esportiva, não tivesse disposição para entrar na política.

Também entre os fins da década de 60 e 70 surgiram inúmeros programas de incentivo ao esporte, desenvolvidos sob a ótica do Estado ditatorial. Vale destacar nesse momento o programa intitulado pelo governo de “Esporte para Todos” (EPT), presente na Lei n.º 6.251/75. Passava o ideário de “desporto comunitário”, porém tinha como objetivos aumentar ainda mais as desigualdades sociais, sendo um instrumento de reprodução cultural, tornando indivíduos e a comunidade dependentes, ou seja, era um instrumento ideológico a serviço do Estado ditatorial (DANTAS JÚNIOR, 2008).

Os professores de Educação Física, durante quase toda a segunda metade do século XX foram vistos pela comunidade brasileira como reprodutores passivos das deliberações

executivas e legislativas, sendo os alunos os receptores da ideologia que se disseminava cada dia mais durante o regime militar.

Nesse período, devido à obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis de ensino, as portas para mercado de trabalho abriram-se para os profissionais dessa área, além disso, muitos viram no Estado um “grande pai”, pela grande valorização que deu a Educação Física, e acabaram por legitimar-se com o discurso do governo ditatorial.

A formação dos profissionais da Educação Física naquele momento estava totalmente voltada ao treinamento, à preparação de técnicos, que por sua vez tinham por objetivo a reprodução dos códigos esportivos, ao invés de pedagogizar o conhecimento esportivo. O que aconteceu foi a “seleção” dos alunos/atletas mais capacitados fisicamente, dotados de uma melhor aptidão física, voltados para a prática competitivista e tecnocrática, onde restava aos “excluídos” à observação das aulas, designados ao puro ativismo (OLIVEIRA, 2004).

Por fim, a década de 80 aponta os primeiros elementos de uma crítica a sua função sócio-política conservadora no interior das escolas brasileiras. Foi um período marcante para a Educação Física, pois apontou para uma profunda crise de identidade, onde ocorreram muitas mudanças importantes, como o surgimento dos movimentos ditos “renovadores”.

Dentre eles, destacamos dois: o movimento da “Psicomotricidade” e o “Humanista”. O primeiro destaca-se pelo desencadeamento de mudanças de hábitos, idéias e sentimentos, através de práticas de exercícios e movimentos. Tendo a “Psicocinética” de Jean Le Boulch como variante, é considerada uma teoria geral do movimento, que permite utilizá-lo como meio de formação, privilegiando o estímulo ao desenvolvimento motor especialmente a estruturação do esquema corporal e as aptidões motoras. Assim, percebe-se a instrumentalização do movimento humano como meio de formação e a secundarização da transmissão de conhecimentos, que é uma das tarefas fundamentais do processo educativo no âmbito escolar. Porém, segundo Coletivo de Autores (p. 55, 1992) “denota-se, assim, o caráter idealista da concepção, pois lhe falta a perspectiva dos condicionamentos histórico-sociais da educação.”

O segundo movimento, denominado “humanista”, caracterizou-se pela forte presença de princípios filosóficos em torno do ser humano, sua identidade, valor, tendo como fundamento os interesses do homem, surgindo como uma crítica a correntes oriundas da psicologia comportamentalista. Esse movimento foi tratado por Vitor Marinho de Oliveira em seu livro intitulado *Educação Física Humanista*, sendo sua base teórica fundamentada em

Maslow e Rogers. Nessa perspectiva o importante não é mais o produto, e sim o processo de ensino (não-diretivo). Além disso, preocupa-se com a educação integral do aluno, vendo o conteúdo como um instrumento para a promoção de relações interpessoais.

Outro ponto importante durante esse nebuloso período em que passou a Educação Física diz respeito à afirmação de demonstrar que ela, como as outras disciplinas, possuía um saber necessário e conceitual à formação plena do cidadão. Isso veio ao encontro do que ocorreu entre 1989 e 1996, durante o debate em torno de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando ficou evidente que a Educação Física ainda não havia conquistado seu espaço entre os saberes escolares, porém com muita mobilização política, a LDB (Lei 9.394, de 20/12/1996) acabou por contemplá-la em seu artigo 26, estabelecendo em seu parágrafo terceiro que “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, p. 154, 2005)

No plano das teorias pedagógicas críticas ou progressistas, vale ressaltar a proposta do professor Eleonor Kunz e seu grupo, na qual sugerem procedimentos didático-pedagógicos que, ao se tematizarem frente às diferentes formas culturais de movimento humano, promovam a criticidade, desenvolvendo as competências da lógica dialética e o agir comunicativo. Ou seja,

Muitos estudiosos da área defendem, por exemplo, uma proposta de Educação Física que diz respeito a uma tomada de consciência corporal<sup>5</sup> do homem, caracterizada por ser uma ação política compreendida aqui por essa tomada de consciência. Essa teoria estaria respaldada na concepção histórico-crítica e teria o interesse de uma Educação Física mais humana, muito além dos limites orgânicos e biológicos onde se enquadra a atividade física.

Fica claro ao analisarmos essas mudanças, movimentos e abordagens, que a Educação Física hoje precisa produzir um saber muito mais conceitual e sistematizado por parte da escola e não apenas uma mera reprodução de gestos desportivos sem um entendimento do porquê se faz e para que se faz. A nova geração de profissionais da área procura ensinar não só a importância da competição, que resulta no ganhar ou no perder, mas acima de tudo trabalhar a conscientização corporal, através da cultura corporal do movimento, tanto de forma prática como teórica, atribuindo significado aos movimentos produzidos historicamente.

Abre-se caminho para uma nova forma de ensinar a Educação Física, não desconsiderando seu passado, mas em busca de um planejamento conjunto entre instituição, comunidade, professores e alunos, na busca de objetivos comuns.

Sob essa perspectiva de ensino, o profissional deve ter em mente que seu conteúdo de ensino não se limita apenas a jogos e modalidades esportivas, mas também ginástica, danças, lutas, artes cênicas, brincadeiras e jogos populares. As práticas devem ser precedidas de aulas teóricas, que serão complementadas com atividades em sala de aula, com trabalhos de pesquisas, palestras, debates, filmes, entre outros (MATTA, 2001).

## 5 CONCLUSÃO

Como observamos na introdução e também no decorrer do texto, foram marcantes os períodos referentes à Educação Física escolar no Brasil e que ainda hoje influenciam muitas práticas pedagógicas em nossas instituições escolares. Isso pôde ser notado durante o estudo, em que muitos estudiosos da área ainda percebem que a Educação Física necessita evoluir, ser repensada quanto a seus objetivos e suas práticas, principalmente no âmbito escolar.

Mesmo nos tendo a percepção de que décadas tenham se passado, unindo-se a isso a discussão de novos conceitos referentes à área, com o intuito de um rompimento com a herança histórica da Educação Física, observa-se ainda nas aulas dessa disciplina acontecimentos que suscitam inquietações quanto à estrutura, métodos, conteúdos e posicionamento do professor. Segundo GHIRALDELLI JÚNIOR apud CORRÊA (2006), “nem sempre alterações na literatura sobre a Educação Física escolar correspondem a uma efetiva mudança ao nível da prática” (p.5).

Peguemos primeiro como exemplo o higienismo. Vários autores até hoje contestam que ele tenha terminado entre as décadas de 30 e 40, por acreditarem que esse seja o mesmo movimento da saúde dos dias atuais, havendo apenas uma adaptação quanto aos seus objetivos, em função das mudanças que ocorreram na sociedade. Quanto ao período intitulado esportivização, que ficou marcado pela predominância da prática esportiva dentro da escola, ainda persiste em fazer parte do cotidiano de nossos profissionais, que acabam por valorizar exacerbadamente as competências físicas de seus alunos, excluindo os menos capacitados, além de tratar o esporte de forma competitiva, acreditando que essas enaltecem determinadas qualidades pessoais, afirmando que a sociedade atual é competitiva. E por fim, muito dos profissionais ainda usam em suas práticas métodos militares, ainda que em menor grau. Uso

de filas, fileiras, aplicações de castigos para alunos que não cumprirem determinada tarefa da maneira como deveria ser, enfim, aulas que mais parecem treinamentos para o aprimoramento físico.

Portanto, o que se conclui ao fim desse estudo, além de evidenciar os resquícios que a Educação Física ainda ostenta pelos profissionais dessa área, e que conseqüentemente a utilizam em suas práticas diárias nas instituições escolares, foi à necessidade de se repensar em novas maneiras de se fazer a Educação Física, não apenas voltada para a reprodução de movimentos físicos, mas buscando entendimentos do porquê se faz e para que se faz. O que queremos não é a eliminação de práticas esportivas na escola, pelo contrário, elas devem estar sempre presentes como conteúdo da Educação Física, porém sendo complementadas com atividades teóricas, onde exista um maior envolvimento dos alunos na busca por soluções, além de aulas mais críticas e contextualizadas com seu meio social, criando um ser mais autônomo e cidadão.

Sob essa perspectiva de ensino, o profissional deve ter em mente que seu conteúdo de ensino não se limita apenas a jogos e modalidades esportivas, mas também ginástica, danças, lutas, artes cênicas, brincadeiras e jogos populares. As práticas devem ser precedidas de aulas teóricas, que serão complementadas com atividades em sala de aula, com trabalhos de pesquisas, palestras, debates, filmes, entre outros (MATTA, 2001).

### Notas explicativas

---

<sup>1</sup> Foi o primeiro esforço oficial de sistematização e controle da instituição primária e secundária no império do Brasil, além da reformulação das faculdades de direito e de medicina e da Academia de Belas Artes, entre outras. A reforma tem o nome do ministro do Império do Gabinete da Conciliação, Luís Pedreira do Couto Ferraz, que foi o coordenador.

<sup>2</sup> O conceito de cultura corporal pressupõe a compreensão do corpo humano como elemento histórico, repleto de significados e inserido num contexto social que lhe imprime diferentes valores, possibilitando atuações distintas.

<sup>3</sup> A teoria do capital humano, de Theodor Schultz, tinha por objetivo racionalizar tempo e conhecimento na formação escolar, com o intuito de formar recursos humanos para o mercado de trabalho, preparando os jovens para a concorrência e a competitividade.

<sup>4</sup> Ação não expressiva de uma reflexão teórica, caracterizando-se, dessa forma, no “fazer pelo fazer” – explica e acaba por justificar sua presença na instituição escolar, não como um campo do conhecimento dotado de um saber que lhe é próprio, específico – cuja apreensão por parte dos alunos refletiria parte essencial na formação integral dos mesmos, sem a qual, esta não se daria –

mas sim enquanto uma mera experiência limitada em si mesma, destituída do exercício da sistematização e compreensão do conhecimento, existente apenas empiricamente.

<sup>5</sup> São as manifestações corporais das quais o indivíduo pode formar uma representação psíquica, que poderá ser submetida ao seu controle voluntário. Ela é um processo em permanente construção, que são concretizadas nas manifestações com a natureza e nas interações dialéticas com os próprios homens em suas práticas sociais.

## 6 REFERÊNCIAS

- BELTRAMI, Dalva Marim. Dos fins da educação física escolar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 27-33, 2. Sem. 2001;
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004. 225 p.;
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo, SP: Editora Cortez, 1992. 118 p.;
- CORRÊA, Denise A. **Ensinar e aprender educação física na “era Vargas”**: lembranças de velhos professores. In: VI EDUCERE – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PUCPR – PRAXIS, 2006, Curitiba. Anais... Curitiba: PUCPR, 2006. v. 1;
- DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. A esportivização da educação física no século do espetáculo: reflexões historiográficas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 29, p. 215-232, mar. 2008;
- DARIDO, Suraya Cristina; BETTI, Mauro. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 91 p.;
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005. 421 p.;
- MATTA, Dinalba Ferreira Da. A educação física no Brasil: com uma visão transformadora na educação básica, transpirando menos e pensando mais. **Lato & Sensu**, Belém, v. 2, n. 3, p. 30, jul. 2001;
- MOURA, Marcilene. Educação Física no Brasil: uma história política. **Webartigos**, 12 dez. 2007. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/3097/3/Educacao-Fisica-No-Brasil-Uma-Historia-Politica/pagina3.html>. Acesso em: 12 mai. 2010;
- OLIVEIRA, Marcus Vinicius Taborda de. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004;
- PEREIRA, Maria Goretti Ramos. **A motivação de adolescentes para a prática da Educação Física: uma análise comparativa de instituição pública e privada**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006;
- SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994. 167p.